

resenhas educativas
uma revista de resenhas de livros



Ministerio de Educación Ciencia y Tecnología (2007). *El lugar de los adultos frente a los niños y los jóvenes. Aportes para la construcción de la comunidad educativa*. Buenos Aires: Ministerio de Educación Ciencia y Tecnología de la Nación.

72 pp.

ISBN: 978-950-00-0590-6.

Disponível em: <http://www.me.gov.ar/observatorio/pdf/cuadernillo2.pdf>

Resenhado por Suzana Feldens Schwertner
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Outubro 9, 2008

O Papel Dos Adultos Frente às Novas Gerações: em busca de laços

O momento de escrita desta resenha não poderia ser mais oportuno. Infelizmente oportuno. Isto porque no Brasil, desde o mês de abril deste ano, vem acontecendo uma intensa discussão acerca da violência entre pais e filhos.¹ Os casos Madeleine e Isabella, que tomaram proporções mundiais, reacenderam as discussões a respeito da crescente violência nas relações entre adulto e crianças, que resultam, muitas vezes – como foram os casos – em conseqüências irreversíveis. Assim como estes dois casos, inúmeros outros surgiram em seguida, denunciando maus-tratos, falta de cuidados e desinteresse por parte daqueles que seriam os principais responsáveis pelo cuidado com as novas gerações.²

De outro lado, mas na mesma face da moeda, professores e alunos travam disputas entre si, elevando os índices de violência nas escolas; um estabelecimento de ensino de Guarulhos, conforme notícia o jornal Folha de São Paulo, em apenas oito meses, “assistiu” à

¹ Madeleine McCann, menina britânica desaparecida em maio de 2007, em Portugal, teve como suspeitos de desaparecimento seus pais. O caso foi arquivado em junho deste ano, mais de um ano após as buscas pela criança, por não haver culpados. Já Isabela Nardoni, cinco anos de idade, morreu após ter sido atirada de um prédio na cidade de São Paulo, em março de 2008. Até o momento, os pais estão presos como os principais acusados de terem cometido o crime.

² Apenas para pontuar que, em um mesmo dia (14/05/2008), dois jornais brasileiros online apresentaram estas notícias em destaque: “Criança morre após ingerir remédio antiepilético em abrigo de Divinópolis (MG)” (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u401817.shtm>) e “Menina de 10 anos grávida relata abuso sexual em Pernambuco” (http://odia.terra.com.br/brasil/htm/menina_de_10_anos_gravida_relata_abuso_sexual_em_pernambuco_171094.asp).

passagem de quatro diferentes diretores na mesma escola.³ Quais são as possibilidades da criação de vínculos neste ambiente? Como estabelecer laços entre adultos, jovens e crianças em meio à violência, ao descuido e à desintegração?

Pensar, questionar e problematizar as relações intergeracionais na contemporaneidade é o objetivo do livro “El lugar de los adultos frente a los niños y los jóvenes”, especialmente a partir do lugar do adulto. Para definirmos quem são as crianças e quem são os jovens que habitam este nosso mundo, torna-se fundamental perguntar quem são os adultos que cuidam destes jovens e destas crianças.

A publicação, de autoria coletiva e elaborada pelo Observatório Argentino de Violência nas Escolas, é fruto da coordenação do Ministério de Educação, Ciência e Tecnologia da Argentina, bem como da Universidade de San Martín (UNSAM). O livro, tal como o título destaca, possui um público-alvo bem definido: os adultos, especialmente aqueles que possuem relação com a tarefa da escola, ou seja, os docentes, as famílias, os membros de organização comunitária. O livro pretende abranger e definir, dessa forma, o conceito de Comunidade Educativa, tomando como base a idéia de que a educação acontece também em outros lugares que não apenas a escola, e a partir da interação com outras pessoas, que não apenas os professores.

O livro é composto por duas partes: uma primeira conceitual e teórica e a segunda (ocupando a maior parte, em torno de 40 páginas) que abrange exercícios de dinâmicas de grupo para serem realizados com a Comunidade Educativa. Acredito que por optar em apresentar as mais diversas atividades práticas com a comunidade escolar, o livro não se envolve mais profundamente com a questão teórica, priorizando os aspectos das dinâmicas de grupo. O que não significa que a teoria não seja importante; ao contrário, as referências às obras de Emmanuel Levinas, Hannah Arendt, Zigmuntt Bauman, Beatriz Sarlo e Phillipe Meirieu contituem a base para a elaboração das atividades práticas. Porém, o livro não trata de detalhar completamente as teorias às quais faz referência. A proposta do manual é questionar o espaço que os adultos proporcionam aos jovens e às crianças no seu cotidiano, através de exercício práticos, preocupando-se em entender e realizar uma aproximação entre as diferentes gerações, a partir de problematizações do lado adulto, ou do papel do adulto.

Aportes teóricos

A duas perguntas centrais e norteadoras do livro podem ser descritas desta maneira: O que significa ser adulto nos tempos atuais? Qual o lugar dos adultos frente às crianças e aos jovens do século XXI? Ou seja, o escrito procura deslocar pais, professores, vizinhos e parentes de seu lugar de conhecimento completo e totalizado sobre a nova geração (como, por exemplo, das constantes reclamações sobre as crianças na sala de aula, sobre os jovens que brigam nas redondezas da escola), para o lugar de questionamentos sobre seu quinhão de responsabilidade frente a essas crianças e a esses jovens. Para tanto, nesta parte teórica, a obra se refere a pensadores como Hannah Arendt (que ajuda a pensar sobre a importância do nascimento e do cuidado com a nova geração), Jacques Derrida, em seu esclarecedor conceito de herança como aqueles elementos que trazemos conosco, sem deixar de levar em conta o que vem de novo e de criação e, especialmente, Zigmunt Bauman e sua reflexão sobre o termo comunidade, conceito caro à temática desta obra. Comunidade não como um conjunto de pessoas iguais, vivendo em uma idílica harmonia, mas como um espaço de embates e trocas,

³ 3- Notícia veiculada no site do jornal, disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2106200803.htm>.

em que é possível “... construir acordos que nos permitam recuperar a experiência de poder ‘viver juntos’, mas sabendo que as novas condições nos solicitam novos acordos e novos pactos” (p. 08, tradução livre). Enfim, o livro pretende ser um convite a voltar o olhar para o papel de professores, pais, educadores, enfim, de adultos que fazem parte dessa situação que aí se encontra e, a partir daí, pensar conjuntamente sobre seu cuidado e proteção frente às novas gerações.

Para a elaboração desta resenha, utilizarei o pensamento de Carles Feixa (2003) através da metáfora dos três relógios, especialmente para entender as diferenças intergeracionais na atualidade e o lugar dos jovens e das crianças na sociedade contemporânea. Procurarei também entender o destaque que Carles Feixa destina às construções culturais presentes nas gerações jovens atuais, que diferenciam o acesso à vida adulta, bem como à maneira de compreender e experimentar o tempo das crianças e dos jovens na atualidade, que são diversas (e complexas!), o que nos leva a pensar sobre os “degraus” acentuados nas relações (especialmente) entre jovens e adultos.

A elaboração da metáfora como exercício de pensamento se torna elemento importante no momento em que pretendemos abarcar um acontecimento tão complexo e multifacetado como a relação intergeracional. De que maneira explicar quando um jovem se torna adulto? Como entender quais os ritos de passagem, ou as marcas de diferenciação entre crianças, jovens e adultos? São perguntas importantes para se questionar acerca do papel dos adultos frente às crianças e aos jovens, conforme o livro propõe. Carles Feixa propõe pensar o relógio como um marcador social das fronteiras e dos ritos de passagem entre os diferentes estágios biográficos. A metáfora de três relógios instiga a pensar sobre três modelos alternativos para entender a transição para a vida adulta: o relógio de areia, o relógio mecânico e o relógio digital.

O primeiro, caracterizado pelo tempo cíclico, demonstra o eterno retorno das relações entre jovens e adultos; o segundo, determinado por uma passagem do tempo progressivo, seria característico de acontecimentos lineares e das respectivas sucessões progressivas; já o terceiro relógio, o digital, demarcaria as relações complexas que se estabelecem todas ao mesmo tempo. Com essa metáfora, Feixa destacaria não apenas algumas maneiras de se pensar sobre a juventude atual em comparação com a juventude passada, mas também (e especialmente) a importância de se considerar a relação intergeracional no processo de passagem à vida adulta.

Não há como negar as muitas transformações econômicas, políticas, sociais e, sobretudo, tecnológicas que vivenciamos em curtos espaços de tempo; transformações que provocam impactos nas sociedades, nas instituições e, conseqüentemente, nas relações entre adultos, jovens e crianças. Viveríamos, então, todos, um momento em que as fronteiras entre ser criança, ser jovem e ser adulto aparecem borradas e misturadas. A escola, defendida pelo livro como entidade que seria “... encarregada da transmissão da cultura às novas gerações” (p.05) não deixa de ser atingida por essas transformações e, a partir disto, é igualmente convocada a implicar-se nas mudanças realizadas.

O fato de hoje vivermos em uma sociedade Pós-Industrial, com novas formas de acesso à vida adulta, não nos faz vivermos em uma sociedade melhor ou pior do que antigamente; leva-nos a enfrentar diferentes situações e, frente a novas problemáticas, se tornam necessárias novas respostas. E como as transformações abarcam a todos, o livro defende a idéia de uma cultura de grupo, que, ainda que vá de encontro ao modelo neoliberal que nos rege (e que produz um incentivo de uns contra os outros, em um estilo de vida individualista e consumista), busca fortalecer a idéia da discussão, da procura pelo consenso e da construção de algo em comum. A proposta é de a escola aproximar-se da comunidade e esta se fazer mais vizinha à escola – não apenas fisicamente, mas uma aproximação no sentido

de estreitar os laços entre a comunidade, os pais, os professores e a escola.

Outro aspecto importante ao se perguntar sobre as transformações pelas quais passamos na atualidade é entender a infância e a juventude como uma condição do presente para as crianças e para os jovens, como uma vivência que precisa ser valorizada, como momento em que se criam coisas, em que se inventam regras, em que se experimentam novas relações. Essa forma de pensar se diferencia muito da idéia de que infância e juventude são apenas passagens em um ciclo, para se chegar a algum lugar no mundo adulto. O que será que nós, adultos, podemos entender de nossa relação com as nossas crianças e com os nossos jovens? Que lugar estaríamos conseguindo ocupar frente a eles, junto a eles? Estaríamos conseguindo demarcar a assimetria das posições, “marcando a diferença necessária” (p.13), mas também ampliando os espaços de escuta junto a crianças e jovens? Estaríamos possibilitando trocas, sem fixar nem congelar regras de convivência, buscando estabelecer acordos, tarefa constante dos adultos?

Os relógios nos ajudariam a pensar?

Partindo do pressuposto que as idades são “... estágios biográficos culturalmente construídos, que pressupõem fronteiras mais ou menos frouxas e formas mais ou menos institucionalizadas...” (Feixa, 2003, p. 07, tradução livre), Carles Feixa nos ajuda a pensar sobre a importância da temática central do livro “El lugar de los adultos frente a los niños y los jóvenes” ao apresentar a metáfora dos relógios de areia, analógico e digital como formas de pensar as relações entre jovens e adultos em diferentes momentos histórico-culturais. Como se a evolução histórica do relógio pudesse nos levar a pensar sobre as idades da vida e as metáforas da mudança social, especialmente na relação entre juventude e sociedade.

Inicialmente, o autor propõe pensarmos sobre o relógio de areia, com estreita ligação à era Pré-Industrial, caracterizada pelas sociedades primitivas e tribais. A pouca precisão na marcação do tempo contrasta com a delimitada marcação das fases: a transmissão entre adulto e não-adulto é extremamente bem demarcada e visualizada, através de rituais de passagem. O não-adulto já sabe qual será seu destino de adulto: ser exatamente o mesmo que seu antecedente, repetindo assim o comportamento da geração anterior, reproduzindo semelhantes conteúdos culturais.

Já o relógio mecânico, ou analógico, típico da era Industrial, possui intrincadas engrenagens que apontam para uma concepção linear e progressiva do tempo. Nesta fase, se pode falar em uma transição cultural : as passagens do mundo jovem para o mundo adulto já não estão mais tão semelhantes e iniciam-se processos de diferenciação, abrindo espaços para novas expectativas e conflitos entre as gerações. Os jovens aspiram a novas expectativas, diferentes daquelas da geração anterior.

E chegamos então à nossa era Pós-Industrial, marcada pelo relógio digital e pela relatividade do tempo na nossa sociedade da informação. Está relacionada a uma concepção plural de tempo, um tempo virtual que comporta o movimento de constante e intercambiável entre os papéis geracionais: pais aprendem com os filhos, adultos aprendem com crianças e jovens; que por sua vez possuem os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação como lócus educacional.

Pretendo ressaltar a temática da precisão do tempo e o acesso à vida adulta, entre tantas outras relações possíveis de estabelecer entre o pensamento de Carles Feixa, e o tema contundente que se faz presente no livro “El lugar de los adultos frente a los niños y a los jóvenes”. Parece que quanto mais se modifica a contagem do tempo, quanto mais precisa ela fica, quanto mais milimetricamente conseguimos controlar e contar o tempo, mais frouxa e menos precisa se torna a transmissão geracional e a demarcação de lugares entre jovens e

adultos.

Parece que quanto mais “seguramos” o tempo, mais repleta de nuances e complexidades se torna a relação intergeracional, mais complexos são igualmente os conteúdos culturais, mais nebulosa é a experiência e compreensão do tempo, seja para as crianças, para os jovens, seja para os adultos. Dessa maneira, os relógios nos ajudariam a pensar, sim, sobre os meandros dessas relações intrincadas entre os adultos e as novas gerações, possibilitando compreender, ainda que aos poucos e com moderação, que papel se ocupa diante de crianças e jovens e que espaços estamos conseguindo ampliar para a escuta daqueles que nos procedem.

Ao questionar sobre os desafios da educação em um tempo de incertezas, o abismo e – por vezes – desligamento que vivenciamos na relação entre as gerações (e nesta parte do livro nos é apresentada um artigo de Philippe Meirieu, pedagogo francês, publicado na revista “El Monitor”, nº 9), a obra destaca a idéia de que é urgente lançar mão de um trabalho inovador, criando respostas em conjunto (tal como proposto pelo conceito de Comunidade Educativa), na nossa contemporaneidade: “Esta aceleração da história, da aparição de novas tecnologias, nos coloca diante de problemas inéditos para os quais não há nenhum catecismo escrito e temos que inventar novas soluções” (p.59, tradução livre).

E, com a intenção de oportunizar momento de reflexão e discussão sobre as relações entre adultos e seu papel frente a crianças e a jovens, o livro segue com a segunda parte, destinada à elaboração de atividades que possam proporcionar caminhos na busca destas “novas soluções”.

Propostas de atividades

Na segunda metade do livro, são apresentadas diversas atividades práticas, tais como dinâmicas de grupo, para serem realizadas com professores de escolas e com pais, parentes e vizinhos dos alunos. São treze atividades cuidadosamente detalhadas (sendo nove delas destinada ao trabalho exclusivo com a comunidade em geral e as outras quatro endereçadas diretamente aos docentes), com especificações cuidadosas, como a apresentação do objetivo da tarefa, os recursos necessários para o seu desenvolvimento, o tempo estimado de duração e o delineamento da atividade. Antes da apresentação das dinâmicas, há a parte de instruções gerais, que explicam a importância do cuidado e atenção para com a escolha das atividades, da necessidade de esclarecimento do trabalho com o público-alvo e da posterior avaliação das tarefas realizadas.

As atividades, muitas realizadas inicialmente em pequenos grupos que depois se unem para uma discussão em fórum, procuram provocar o pensamento dos participantes, insistindo em reorientar o olhar que colocam sobre as crianças e sobre os jovens. Em muitos momentos, convoca cada adulto da comunidade educativa a pensar sobre sua infância e sua juventude, trazendo as dificuldades e os prazeres das experiências individuais mais próximos de todos. Aqui, podemos referenciar à metáfora dos três relógios, pensando sobre cada relação entre as gerações nos diferentes momentos de cada adulto.

As dinâmicas envolvem materiais diversos, como testemunhos de vida, textos, histórias em quadrinhos, dramatizações, desenhos, cenas de filmes. Há também atividades que propõem uma utilização crítica da Lei Nacional 26.061 (Argentina), que versa sobre a proteção integral dos direitos das crianças e dos adolescentes, ao perguntar sobre as diferenças entre o que se observa na comunidade em que vivem e o que está escrito na lei.

Tal parte do livro se torna importante na medida em que contribui para a implicação de cada adulto em seu papel educativo frente às crianças e aos jovens. Para problematizar seu lugar no mundo, é necessário participar e ser capaz de negociar e entender que transformações são estas que nos acometem e das quais participamos, recriando novas formas de transmissão

geracional.

Articular um encontro

Retomando a perspectiva de Carles Feixa (2003), torna-se fundamental observar e refletir sobre as formas de transmissão geracionais que vivenciamos na contemporaneidade. Olhar para jovens e crianças não apenas como um projeto de vida, como alguém a adorar ou simplesmente esquecer, mas possuir a capacidade de fortalecer os lugares de cada um (de cada adulto) em relação com as novas gerações.

E se torna interessante pensar que são os jovens que se tornam os “pioneiros” na experiência dessa nova forma de relação com o tempo, na transmissão geracional, pois assim como eles sentem essas mudanças de forma mais abrupta (porque vivenciam juntamente a outras inúmeras mudanças), estão também mais abertos para essa nova relação e, portanto, mais aptos para lidar e se adaptar a tais mudanças. Talvez através desta via (de comunicação com as novas gerações) que o mundo adulto (seja na escola, nas relações familiares, em outras instituições) deveria abrir espaços para os jovens, com o objetivo de entender sobre esse “pioneirismo”, sobre essas novas formas de relação com o tempo, e conseqüentemente, com os espaços, com as tecnologias, com as pessoas.

Promover o encontro significa estabelecer laços, aprofundar o conhecimento sobre as novas gerações, articular palavras em lugar de fazer uso de socos, empurrões, trocas de diretoria, fuga das pessoas. Trata-se de uma aprendizagem tal como proposta por Emmanuel Levinas, “aprendizagem da alteridade”: “... a criança tem que aprender de forma progressiva a entrar em relação com o outro, a reconhecê-lo como seu semelhante mas também como um ser distinto (...) porque sua existência mesma me obriga a sair de minha própria identidade, a escutar outra coisa” (p.61, tradução livre).

Promover o encontro entre gerações, por mais distantes que estejam em seus pensamentos, vivências e experiências, mas que, a despeito de tudo, possam se escutar, se olhar e se respeitar. E o ponto de partida para esse encontro precisa iniciar no mundo adulto, que necessita apostar todas as fichas na nova geração. Se a “educação é aprendizagem para renunciar a onipotência” (p.61), que possamos abrir mão do nosso conhecimento acabado e hermético para proporcionar espaço aos que nos sucedem.

Referências:

Feixa C. (2003) Del reloj de arena al reloj digital – sobre las temporalidades juveniles. *Revista de Estudios sobre Juventud*, 19 (jul./dez.), 06-27.

Acerca da autora da resenha: Suzana Feldens Schwertner é psicóloga e doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Resenhas Educativas/ Education Review

publica resenhas de livros recém-lançados na Educação, abrangendo o conhecimento e a prática em sua totalidade.

Todas as informações são avaliadas pelos editores:

•

Editor para Espanhol e Português

Gustavo E. Fischman

Arizona State University

•
Editor Geral (inglês)

Gene V Glass

Arizona State University

•
Editora de Resenhas Breves (inglês)

Kate Corby

Michigan State University

As resenhas são arquivadas e sua publicação divulgada por meio da listserv
(EDREV).

Education Review é um signatário da Budapest Open Access Initiative.

